

HANS JONAS E NIETZSCHE POR UMA RESPONSABILIDADE DA NATUREZA EM GERAL

AUGUSTO MARTINS DE ÁVILA¹;
NUNO MIGUEL PEREIRA CASTANHEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – augustosvp009@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – npcastanheira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O pensamento de Hans Jonas (1903-1993) se propõe a revisar o modelo de civilização que a modernidade construiu, tanto em suas implicações do conhecimento, e toda herança ocidente da filosofia e das ciências, quanto o impacto crescente das tecnologias e suas mudanças nas práticas produtivas. Sua reflexão, aponta para os perigos de uma utopia baconiana e prometeica, de um desenvolvimento da humanidade direcionado a algo superior e mais elevado, de um suposto domínio da verdade e do mundo. O ideal de progresso está atravessado por equívocos e apagamentos, não apenas nos âmbitos éticos, ambientais e epistemológicos. É calcado em uma lógica antropocêntrica fechada que não se preocupa em estender seus limites, lógica que o autor procura romper ao pensar o ser ligado a sua mundanidade, sua presença física e manifestação ontológica imanente. De fato o autor defende uma preservação da essência humana mas num registro diferente das metafísicas tradicionais de um apelo a uma absolutização da verdade, de uma totalidade, busca a preservação de uma autenticidade humana que está sempre aberta à renovação.

Assim propõe um modelo ético para além das éticas tradicionais, com certo apelo a universalização, de relações do “aqui e agora”, esse novo princípio que chamou de *princípio responsabilidade*. Uma abordagem prudente, fundamentada no temor e no respeito diante dos avanços científicos, do conhecimento e das relações sociais, com vista a preservação da vida humana autêntica na Terra, dado que o avanço da técnica põe em risco essa preservação. Porém, em nossa pesquisa buscamos apontar o limite crítico da preservação da vida na filosofia de Jonas, e com isso buscamos em movimento de retorno ao pensamento de Friedrich Nietzsche (1844-1900) estender a responsabilidade enquanto princípio para a natureza em geral. Isto é, responsabilidade com aquilo que é vivo e não-vivo, orgânico e inorgânico.

De fato Jonas vindouro da tradição da fenomenologia alemã, principalmente via Heidegger coloca a *vontade de poder*, princípio filosófico fundamental de Nietzsche, como ponto maior da *vontade técnica moderna* que nega uma transcendência, que está baseada na “ontologia da morte” (JONAS, 2004) incapaz de sustentar valores éticos relevantes. Mas o que apresentaremos no trabalho, é propor um diálogo entre Nietzsche e Jonas para pensar a responsabilidade com a natureza em geral, uma vez que no autor de *Assim Falou Zaratustra*, pode sim apresentar uma espiritualização em seus termos radicalmente corporificados e imanentes. A vontade de poder como capaz de sustentar balizas para ação humana que possuem em seu fundamento o valor da vida, a vida como critério. A dinâmica da vontade de poder contribui para relações de respeito entre espécies vivas e o

não-vivo, apresentando valores éticos que não se darão dentro de registros antropocêntricos ou meramente biocêntricos.

2. METODOLOGIA

Para trabalhar o diálogo entre esses diferentes autores buscaremos seguir o já tradicional método estrutural de Goldschmidt (1963) através do tempo lógico do autor em suas obras publicadas e escritos não publicados, em que observa as condições dentro do seu encadeamento conceitual determinam posições defendidas, trocadas ou superadas em uma linha de causalidade. Esse jogo está entre a ordem de razões que levaram um autor a tomar tal posição e condições de que tais ideias se consolidaram.

Porém para ler cada autor é necessário compreensão do próprio método filosófico de cada um. Em Jonas, o método fenomenológico e a analítica existencial de Heidegger devem ser destacados, uma vez que parece claro que ao longo de todos seus escritos a um certo fio condutor da relação do Ser e do niilismo “de tal forma que poderíamos considerá-lo como um *fil rouge* que costura as três fases/problemas de seu pensamento”(OLIVEIRA, 2023). Dessa forma poderemos compreender de forma não meramente positiva e sistemática as posições tomadas por Jonas ao longo de seus escritos e partindo de quais condições ele pensou sua filosofia.

Porém em Nietzsche, o método genealógico faz com que o autor oscile em suas posições, muitas vezes de forma paradoxal ou mesmo contraditória, o que faz com que nos perguntemos quais são os motivos externos aos textos que estão incrustados na escrita. Dado que não há uma rede direta de causalidade nesses conflitos interpretativos. Precisamos observar não apenas as causas internas do texto que mudaram as posições do filósofo, mas o autor mesmo mudou, interrogá-lo quanto a essas mudanças através do “método genético, que leva a refazer o itinerário intelectual do autor” (MARTON, 2000). Nesse sentido o método genético, tem a capacidade de olhar para aquilo que é próprio da intimidade do autor, psicologicamente e biograficamente. Para uma leitura atenta de Nietzsche precisamos seguir aquilo que o mesmo citou, em seu livro *Ecce Homo*, como adequado para seus leitores “um leitor como eu o mereço, que me leia como velhos e bons filólogos liam seu Horácio” (EH, Por que escrevo livros tão bons?, 5) um procedimento de exegese que necessita um nível de tempo e dedicação e amor a palavra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por diversas vezes Hans Jonas foi acusado de tecnofobia, ou mesmo de biocentrismo em leituras apressadas, o que buscaremos na pesquisa é demonstrar os equívocos dessas críticas, não por estarem peremptoriamente erradas mas por não apontarem nos lugares certos tais acusações. Embora o autor tenha uma noção ontológica humana aberta, de uma essência que se dá de forma relacional e de como os próprios humanos fazem a si, não caindo em visões totalizantes absolutizadas da natureza humana, nos parece que ainda toma tons de uma incompreensão de como a própria natureza das coisas é transformada reciprocamente junto a civilização. Por isso o apelo a Nietzsche com sua visão de *Kultur* onde é de forma profundamente correlata e quase sem distinção, entre natureza e cultura/civilização. Pois podemos considerar que para Nietzsche, há

uma constante transformação correlata, onde a primeira natureza já foi segunda, ponto importante para o avanço dessa pesquisa e do complemento entre os autores. Compreender como a culturalização se envolve com a própria técnica. Se Jonas (2013) nos alerta em *Técnica, Medicina e Ética*, seu livro de aplicação prática do Princípio Responsabilidade (2006) que se faz necessário um debate quanto a questão da técnica como problema central. “O que ele propõe é que a tecnologia deveria ser levada ao tribunal da crítica” (OLIVEIRA, 2022), Nietzsche ao debater os problemas da moralidade e da cultura pode aproximar o próprio aparecimento da técnica como íntima da natureza e assim melhor absorvida.

O controle de Jonas é de sua preocupação que a técnica e a tecnologia tomou o lugar após o “Deus está morto”, enquanto o avanço ilimitado, niilista sem destinação do progresso moderno. Porém ele insere Nietzsche nessa história do Ser, interpretação herdada de Heidegger que sem as referências tradicionais metafísicas o exercer poder sobre o ambiente é impelido por essa “vontade de *ilimitado* poder” (JONAS, 2013), presente no autor de Zaratustra. O que demonstraremos que é uma visão equivocada quanto a filosofia proposta por Nietzsche.

É saudável lembrarmos que Jonas nos apresenta uma separação entre técnica e tecnologia, havendo uma distinção também entre a técnica pré-moderna e os rompantes tecnológicos da modernidade. A técnica é “empresa coletiva continuada que avança conforme ‘leis de movimento’ próprias” (JONAS, 2013) enquanto *forma* abstrata do fenômeno para humanidade, já a tecnologia seu aparecer substancial que “consiste nas coisas que aporta para o uso humano, o patrimônio e os poderes que confere, os novos objetivos que abre ou dita e as próprias novas formas de atuação e conduta humanas” (JONAS, 2013). Porém a técnica anterior a modernidade estava no “negócio da vida” (JONAS, 2013) era orientada pelos objetivos e necessidades, já na modernidade ambas estão intrinsecamente articuladas como “poder incrementado em atividade permanente” (JONAS, 2013) que vai em direção de uma liberdade para além de um sistema equilibrado de satisfação e metabolização dada a “pressão da competição” (JONAS, 2013).

Entretanto seguindo uma leitura do desenrolar do processo de culturalização através das perspectivas nietzschianas, em Jonas há uma visão de um suposta posição de relação técnica-ambiente que pode se dar dentro de uma visão de naturalização de autoconservação somente, enquanto metabolização equilibrada. Porém em Nietzsche as relações da natureza em geral não se dão como metabolização igualitária, há um conflito de crescimento que impele inclusive ao surgimento de novos modos de vida, esse é o movimento da luta de forças na vontade de poder. Dessa maneira não há distinção direta entre no binômio natural-artificial, já que são jogos de força e imposição. Assim podemos pensar no interior do trabalho junto aos nossos autores o quanto a mudança da técnica do momento pré-moderno para o moderno se deram em verdade como consequências da cultura através da própria natureza, sem cair em determinismos mecanicistas, demonstrar toda uma lógica subsequente que levou ao sucesso da ideologia do progresso e da competição.

4. CONCLUSÕES

A crítica de Jonas não se resume a mera visão pessimista da tecnologia, mas que ela em suas bases de crescimento de poder não terá “freios voluntários” e desta forma uma necessidade de responsabilidade quanto aos efeitos salta, nos freios da “heurística do temor”, que não é um dever apenas por fazer o bem, mas uma avaliação severa de um *pathos* de moderação. O que nos leva a pensar em que sentido um hiperativo ético é capaz de impelir tal *pathos*, e como ele não irá tal como os outros ser desviado no percurso da cultura em direção a um novo estágio e também destrutivo do Ser e da cultura em direção ao niilismo. Dessa forma Nietzsche pode aparecer como filósofo afirmativo, de criação de valores em referência a vida em sentido outro e não meramente niilista como leram Heidegger e Jonas. Uma valorização do humano e da natureza na criação e associação de valores de afirmação, que reconhecem no todo natural que é também do mundo da técnica valores a serem preservados considerando a responsabilidade também sobre o inorgânico. Pensar na afirmação um freio ao progresso enquanto se relaciona afirmativamente com o desenvolvimento tecnológico, dado que eles também pertence ao crescimento e transformação da vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOLDSCHMIDT, Victor. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos: A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.

_____. **Princípio Vida: Fundamentos para uma Biologia Filosófica**. Trad.: PEREIRA Carlos A.. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

_____. **Técnica, Medicina e Ética: Sobre a Prática do Princípio Responsabilidade**. Trad.: SGANZERLA, Anor. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

MARTON, Scarlet. **A Irrecusável Busca de Sentido – Autobiografia intelectual**. 1ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora Unijuí, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Digital critical edition of the complete works and letters**. Baseado na edição crítica de G. Colli and M. Montinari. Berlin/New York: de Gruyter 1967-, ed. por Paolo D'Iorio. Nietzsche Source: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>.

OLIVEIRA, J. A teoria de Deus e o desafio do niilismo. *Etic@*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 16, n. 1, p. 127-146, Jul. 2017.

_____. Hans Jonas e o niilismo: o hóspede mais sinistro não pode destruir a casa. *Revista Dialectus*, Fortaleza, Ano 12 n. 30, p. 101-119, 2023.

_____. Nietzsche e a planta homem. *Pensando – Revista de Filosofia*, Teresina, v. 14, n. 33, 2023. Dossiê Nietzsche e a Natureza/VARIA

_____. Nietzsche, um proto-ambientalista? In: *Poiesis: Revista de Filosofia*, Montes Claros, v. 12, n. 2, pp. 04-29, 2015.

_____. Para uma ethical turn da tecnologia: Por que Hans Jonas não é um tecnofóbico. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 45, n. 2, p. 191-206, Abr./Jun., 2022